

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta Mercantil Class.: Floristas / Desmatamento

Data: 29/05/92 Pg.: 1 e 6 / Relatório GM 157

Amazônia polui com apenas 1,4%

por Virgínia Silveira
de São José dos Campos

O Brasil é responsável por 2,2% dos 7,6 bilhões de toneladas de dióxido de carbono (um dos gases do efeito estufa) emitidos anualmente por todos os países para a atmosfera. Deste total, 6 bilhões de toneladas são resultado da queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás natural) e 1,6 bilhão devido ao desflorestamento, que atinge uma área de 160 mil quilômetros quadrados por ano.

Este levantamento foi divulgado há quinze dias pelo Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) — órgão ligado ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e à Organização Meteorológica Mundial. Segundo o relatório, o desmatamento da floresta amazônica contribui com 1,4% da emissão anual de carbono em todo o mundo. Alguns estudos sobre desmatamento, inclusive divulgados pelo IPCC para o ano de 1989, apontaram uma taxa de desflorestamento incorreta para o Brasil.

“O relatório publicado pelo Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) em 1989 dizia que o desmatamento na Amazônia brasileira era de 80 mil quilômetros quadrados por ano”, comenta Gylvan Meira Filho, coordenador-geral de observação da Terra do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Segundo ele, a taxa de desmatamento registrada no Brasil nos últimos quatro anos confirma uma tendência de queda. Os índices foram em média de 22 mil quilômetros quadrados por ano para a década de 1978 a 1988. Em 1989 a taxa de desmatamento foi de 18 mil quilômetros quadrados. O levantamento feito pelo INPE em 1991 apontou uma área desmatada de 11.100 quilômetros quadrados, o que representou uma redução de 20% em relação ao ano anterior, quando foram desmatados 13.820 quilômetros quadrados.

No Brasil, de acordo com Meira Filho, as emissões de carbono devido ao desmatamento correspondem a 110 milhões de toneladas por ano. O restante das emissões está distribuído da seguinte forma: 53 milhões de toneladas por queima de combustíveis fósseis e 4 milhões na produção de cimento. No total, o País emite 167 milhões de toneladas de dióxido de carbono.

Segundo dados divulgados pelo World Resources Institutes sobre a contribuição de cada país na emissão de carbono, os Estados Unidos são responsáveis por 17% do volume emitido, cerca de 1,3 bilhão de toneladas por ano. A emissão per capita é de 5 toneladas, 4,5% superior à do Brasil. A União Soviética vem em segundo lugar, com cerca de 1 bilhão de toneladas de carbono por ano e 3,6 toneladas per capita. O levantamento feito pelo Instituto Mundial de Recursos para o biênio 1992/93 foi divulgado em Washington há aproximadamente três semanas.

O desmatamento da floresta amazônica provoca alterações no clima da região, devido a um desequilíbrio

de energia e de água da cobertura vegetal. Uma pesquisa realizada em uma área de pastagem ao norte de Manaus mostrou que a retirada da floresta reduz a quantidade de energia solar absorvida pela superfície.

As projeções feitas pelos cientistas são resultado das primeiras conclusões do projeto Abracos (Estudo Anglo-Brasileiro de Observação do Clima da Amazônia), desenvolvido em cooperação com o INPE e o Instituto de Hidrologia da Inglaterra. Segundo o meteorologista Carlos Nobre, chefe do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), a continuidade do desmatamento na Amazônia deixará o clima da região mais quente e mais seco.

“O desflorestamento compromete os processos de evaporação e aquecimento do ar”, explica. O pesquisador ressalta ainda que se a metade da região for desmatada, pode-se esperar um aumento de 2 a 4 graus Celsius na temperatura média, bem como uma redução de 20 a 30% no índice pluviométrico da Amazônia.

A característica mais específica das florestas é que elas captam mais energia que outros tipos de vegetação de baixo porte. Os resultados experimentais da primeira estação de campo demonstraram que a pastagem reflete 35% mais energia que a floresta natural. “A implicação direta disso na área desmatada é uma diminuição da energia da radiação solar para os processos de evaporação e aquecimento do ar. A pastagem absorve menos energia solar porque é mais refletiva e por isso tem menos disponibilidade de energia para estes processos”, explica o chefe do Centro de Previsão do

Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Carlos Nobre.

Segundo o pesquisador, as medições feitas nesta estação de campo em um período raro de seca (a pastagem estava sem chuva há 21 dias) mostraram que a evaporação da pastagem caiu rapidamente de 5 milímetros por dia para 2 milímetros por dia. As florestas, por sua vez, conseguem manter os mesmos níveis de evaporação em torno de 3,5 milímetros por dia.

DIFERENÇA DE TEMPERATURA

Isso acontece porque as árvores reevaporam a água da chuva de maneira mais eficiente. Nos períodos de seca elas transpiram mais água do solo, através de suas folhas, do que as folhas das gramíneas pastagens. Em longas secas, as florestas florescem por mais tempo porque têm raízes mais profundas e, desta forma, podem continuar a evaporar água depois que as plantas menores já tiverem secado e desaquecido.

As pastagens, segundo Nobre, também apresentam uma diferença de temperatura em relação às florestas. “A mudança de temperatura durante o dia é duas vezes maior sobre as clareiras, porque elas têm mais dificuldade de evaporar e, sendo assim, uma porcentagem maior da energia solar absorvida é utilizada para aquecer o ar”, diz o pesquisador.

O vento na pastagem, por outro lado, quase cessa à noite e o ar saturado produz neblina ou cerração pela manhã, fenômeno desconhecido na floresta. Segundo Nobre, a turbulência gerada pelas irregularidades na superfície das copas faz com que o ar no nível do topo da floresta seja bem misturado com o ar acima, transferindo calor e vapor d'água.